

A CÉU ABERTO: LINGUAGEM DO CORPO E TRABALHO COMO RESISTENCIA NA AMAZÔNIA PARAENSE

THE OPEN SKY: BODY LANGUAGE AND WORK AS RESISTANCE IN THE PARAENSE AMAZON

Giselle dos Santos Ribeiro (UFPA) ¹

Emerson Duarte Monte (UEPA) ²

Rogério Gonçalves de Freitas (UFPA) ³

Marta Genú Soares (UEPA) ⁴

Resumo: Este estudo investiga novas acepções sobre o corpo na relação com o trabalho. Objetiva compreender as sensações dos sujeitos da estiva sobre o trabalho na feira do açaí do Ver-o-Peso na Cidade de Belém no Estado do Pará. São tratadas as categorias degradação e resistência, por meio de códigos de linguagem próprios, informados pelos sujeitos da investigação, em entrevista aberta, e observados in locus, e que articulam as sensações do e com o trabalho. Analisa, ao usar as categorias eleitas, o processo e o disciplinamento do trabalho nas falas dos sujeitos e nas observações registradas e fotografadas sobre a organização e desenvolvimento das atividades dos estivadores, e conclui que o corpo se indisciplina frente às sensações vividas pelo trabalho, que se apresenta de um lado, com características pré-capitalistas pela ausência de mecanização e modernização tecnológica, e por outro, com finalidade moderna, pelo fato do produto açaí ter um lugar privilegiado na atividade econômica da região e na atual evolução das exportações da fruticultura do Estado do Pará.

Palavras-chave: Trabalho. Corpo. Estivadores.

Abstract. This study investigates new meanings regarding the body in relation to work. The purpose is to understand the sensations of the stevedoring workers on the work done at the fair of açaí in Ver-o-Peso at Belém, Pará. The degradation and resistance categories are treated, through their own language codes, informed by the subjects of the investigation, in an open interview, and in locus observed, and that articulate the sensations of the and with the work. It analyzes, when using the chosen categories, the process and the disciplining of work in the speech of the subjects and in the observations registered and photographed of their activities' organization and development. It concludes the body indisciplined itself in the face of the sensations experienced by work, which presents itself on the one hand, with pre-capitalist characteristics due the lack of mechanization and technological modernization, and

¹ Giselle dos Santos Ribeiro, Mestra em Educação, Universidade Federal do Pará. E-mail: giribeiroef@hotmail.com

² Emerson Duarte Monte. Doutor em Educação. Universidade do Estado do Pará. E-mail: emersonmonte21@yahoo.com.br

³ Rogério Gonçalves de Freitas, Doutor, Universidade Federal do Pará. E-mail rogergonfrei@yahoo.com.br

⁴ Marta Genú Soares. Pós-Doutora. Universidade do Estado do Pará. E-mail: martagenu@gmail.com

on the other, with modern purpose, because the product açai has a privileged place in the economic activity of the region and in the current evolution of fruticulture exportations in the State of Pará.

Keywords. Work. Body. Stevedores.

Introdução

Durante a madrugada, e a céu aberto, no Ver-o-Peso⁵ cotidianamente os estivadores aguardam a chegada de barcos vindos das regiões próximas a Belém e se organizam para sua atividade rotineira: descarregar o açai dos barcos, vigiar o produto e aguardar a venda para então receberem seu pagamento. O açai, fruta do açazeiro, palmeira pertencente à região Amazônica (*Euterpe oleracea*) sustenta a economia de mais de 20 municípios paraenses. É uma fruta de cor roxa, amplamente consumida em forma de suco no estado do Pará em acompanhamento às refeições. O sabor singular do suco, responsável pelo alto consumo, faz com que o processo de plantio, colheita, transporte e venda movimente aproximadamente 25.000 famílias no Estado. (XAVIER *et al.*, 2009). O fruto, além de possuir alto valor nutricional e energético, é rico também em antocianina, que tem ação antioxidante e pode agir na prevenção a uma série de doenças. Isto fez com que o açai antes destinado apenas ao consumo regional, ganhasse espaço fora do estado, em razão de suas propriedades bioquímicas, e despertado maior interesse do mercado nacional e internacional, motivo pelo qual tem sido amplamente exportado (OLIVEIRA; FARIA NETO, 2005).

Com a expansão da demanda de açai, compreendida desde o plantio até a venda, viu-se nos últimos anos, um significativo processo de modernização da produção deste produto. A extração da polpa até meados de 1945 em Belém era realizada através das *amassadeiras*: mulheres que por meio de um intenso trabalho manual extraem do caroço a polpa do açai. A partir de então, a produção passou a ser realizada por máquinas, diminuindo assim o tempo de produção. Assim, as indústrias de polpas e sucos de frutas foram ganhando espaço e apropriando-se melhor da comercialização desta fruta. Atualmente já garantem todo o seu beneficiamento em alta escala, até as condições adequadas para a distribuição nacional e internacional. (HOMMA, 2002).

Deve-se atentar também que a mercadoria açai, é um produto natural, diferentemente de um produto fabricado industrialmente, as etapas de produção do açai que são o plantio e a colheita, assim como as etapas de transporte e venda, acontecem em áreas abertas e de intenso

⁵ O Ver-o-Peso é um dos maiores mercados de céu aberto da América Latina inaugurado em 1625 no antigo porto de Piri, onde era conhecido também como casa de “Haver o peso”, o qual era um posto de conferencia de mercadorias e de arrecadação de impostos.

contato com a natureza, não empregando métodos altamente mecanizados, assim como os métodos, o espaço onde o trabalho se desenvolve marca singularidades nas relações de trabalho e de produção. Aspectos que mostram como essas singularidades serão destacados ao longo deste estudo. O produto natural açai além de possuir essas particularidades tem seu fim voltado a uma necessidade básica humana, isto é, de se alimentar. Não se destina a um consumo que demarque posicionamento de classe social como se configura em outros alimentos e pratos específicos.

Deste processo pelo qual passa o açai, o interesse desta reflexão foi investigar o momento em particular onde não se identifica um amplo processo de modernização, pelo contrário, onde se caracteriza formas pré-capitalistas de organização do trabalho. O serviço daqueles, sujeitos desse estudo, que realizam a descarga do açai vindo da região das ilhas próximas à Belém - trabalho este marcado pela importância do **corpo** – análise expressa pelo uso do corpo no trabalho e pela leitura que os próprios estivadores fazem dele, na realização da atividade, em que há degradação do sujeito e fortalecimento corporal, numa rotina em que as várias sensações que estes dos trabalhadores têm dos seus corpos são relatadas e observadas pelos procedimentos metodológicos adotados pelos pesquisadores.

Visitações à Feira do Açai em Belém no Ver-o-Peso em Belém do Pará, durante cinco madrugadas entre 23h e 3h, fizeram parte deste estudo de campo onde foi utilizado: questionários com 14 trabalhadores, e realizada entrevista com um destes sujeitos, privilegiado por destacar-se da totalidade dos trabalhadores que responderam ao questionário, devido sua insatisfação no trabalho e posto ocupado no grupo de sujeitos, como o de *patrão*. No decorrer do trabalho dos estivadores, sempre na madrugada, o movimento é dinâmico na Feira do Açai, entre carregamentos e empilhamentos, os estivadores fazem pausas para o cafezinho, o gole de cachaça e o cigarro, momentos de conversas sobre o trabalho, o pagamento, a vida em casa, o cansaço e o futebol, sim o futebol, atividade que encerra a jornada às 6h da manhã. Às 9h começa a volta para a casa ou para o descanso, e se reinicia o trabalho às 23h novamente.

Nesse sentido, o quadro metodológico se constituiu de instrumentos de coleta com o questionário e a entrevista aberta, observação de campo com registro fotográfico e a análise dos dados coletados foi feita tendo como parâmetro as categorias corpo, trabalho e resistência, categorias essas que se ampliam dos mesmos conceitos teóricos das referências estudadas no aporte teórico sobre corpo, trabalho e resistências sustentados em Gleyse (2006); Marx (1982; 1996; 2013); Faïta (2010) e os interlocutores do estudo teórico, tendo como metodólogo Bakhtin (2006) e seus preceitos metodológicos sobre discurso e linguagem.

O texto se organiza em três tópicos em que se discute o aporte conceitual ao tratar de Corpo, trabalho e resistência para informar do *lugar* em que os autores concebem as categorias. Para a mediação teórica entre os autores eleitos se organizou o tópico Modos de interpretação e linguagem do corpo no trabalho e para fazer a escuta dos sujeitos da pesquisa reuniu-se em Sensações nos processos e no disciplinamento do trabalho as falas e análises interpretativas para responder ao propósito do estudo nas conclusões sobre a caracterização do trabalho a céu aberto na Feira do Açaí no Mercado do Ver-o-Peso na Cidade de Belém do Pará segundo a linguagem do corpo e atividades dos estivadores.

Corpo, trabalho e resistência

A atual forma de configuração do mundo do trabalho, em sua etapa de produção flexível oriunda das mudanças no regime de acumulação de tipo fordista/taylorista para o padrão toyotista de produção, datada da década de 1970, implicou em novas relações de trabalho e tipos de trabalho. A esse respeito Antunes (2008, p. 24) destaca que “Direitos e conquistas históricas dos trabalhadores são substituídos e eliminados do mundo da produção”. De igual modo, há um crescimento do número de tipos de trabalho em virtude da descentralização da produção, da ampliação da produção para novas mercadorias e serviços, e do movimento particular da produção toyotista de ampliar a carga de inovação tecnológica e, paralelo a isso, demandar novas funções laborais (ALVES, 2001).

Nessa perspectiva a ciência e a técnica como forças produtivas se afirmam num patamar superior ao observado no que se denomina de período pré-capitalista. É a utilização de modo sistemático e numa escala ampliada da maquinaria que a produção artesanal se converteu em grande indústria. Ou seja, as relações propriamente capitalistas se desenvolveram com o avanço, dentre outros fatores, da maquinaria mediada pela ciência e pela técnica. Conforme destacou Marx (2013, p. 435), a manufatura “[...] mutila o trabalhador, fazendo dele um trabalhador parcial, e se consuma na grande indústria, que separa do trabalho a ciência como potência autônoma de produção e a obriga a servir ao capital”.

É importante ressaltar que a descentralização da produção no capitalismo, que envolvem novas funções laborais e emprego de tecnologias, é acompanhada de descentralização de sua manutenção, o sistema se torna estrutura do mundo e alcança a própria vida, os pilares produção e consumo irrompem sociedade e natureza, fazendo com que os trabalhadores que mantenham uma produção artesanal, um estilo pré-capitalista de produção, consumam produtos ou serviços, a resistência é sempre parcial.

Ainda dentro das relações de produção pré-capitalistas, a forma de organização no trabalho é uma categoria que se mantém no desenvolvimento da produção capitalista. A cooperação é o modo pelo qual se estruturou as relações pré-capitalistas, por exemplo, o trabalho nas pequenas fábricas de artesãos, assim como se manteve na estrutura organizacional da grande indústria e permanece em cena ainda no século XXI. Contudo, a cooperação simples expressa apenas uma relação entre trabalhadores organizados em pequenas fábricas, sem estabelecer entre si algum grau de dependência. A simples produção coletiva num mesmo espaço não amplia a capacidade produtiva de uma dada produção de mercadorias.

Todavia, a produção numa escala ampliada, e sob novas relações, apesar de partir da cooperação simples, ganha nova feição ao se combinar as diversas jornadas de trabalho isoladas e individuais, próprias da cooperação simples e, dessa forma, amplifica a capacidade produtiva do trabalho, com seus diversos ônus que disso deriva. Conforme expresso por Marx (2013, p. 404):

Comparada com uma quantidade igual de jornadas de trabalho isoladas e individuais, a jornada de trabalho combinada produz uma massa maior de valor de uso, reduzindo, assim, o tempo de trabalho necessário para a produção de determinado efeito útil. Se a jornada de trabalho combinada obtém essa força produtiva mais elevada por meio da intensificação da potência mecânica do trabalho, ou pela expansão de sua escala espacial de atuação, ou pelo estreitamento da área de produção em relação à escala da produção, ou porque, no momento crítico, ela mobiliza muito trabalho em pouco tempo, ou desperta a concorrência entre os indivíduos e excita seus espíritos vitais, ou imprime às operações semelhantes de muitos indivíduos a marca da continuidade e da multiplicidade, ou executa diversas operações simultaneamente, ou economiza os meios de produção por meio de seu uso coletivo, ou confere ao trabalho individual o caráter de trabalho social médio - de qualquer forma a força produtiva específica da jornada de trabalho combinada é força produtiva social do trabalho ou força produtiva do trabalho social. Ela deriva da própria cooperação.

Nesse nível de cooperação as relações capitalistas de produção se desenvolvem e se consolidam. Isso implica afirmar a particularidade que o trabalho assume no modo de produção e reprodução da vida material sob bases capitalistas. O trabalhador se submete as formas particulares de exploração, assim como se distancia do produto de seu trabalho, o alcance a bens de consumo básicos a existência se tornam acessíveis apenas pela troca de força de trabalho por dinheiro, esses bens básicos a existência se tornam em larga escala demarcadores de posicionamento social, a exploração se metamorfoseia em consumismo, promovendo-se como finalidade da própria vida, em que o corpo se amolda às condições de

vida e trabalho, silenciando as expressões essenciais que o animam, e o reconfiguram de acordo com a prática social, a exemplo do

Corpo trabalhador ou laborioso e o corpo esculpido são fenômenos do cotidiano social, em que estão consolidados hábitos da moral e higiene, e que se fazem ocultos na aparente conduta social (GLEYSE, 2006), no entanto, são os hábitos que determinam desde as práticas corporais bem como o comportamento social. A leitura de Gleyse converge ao pensamento de Foucault sobre a determinação da instituição social sobre o corpo definido pela prática social (SOARES; KANEKO; GLEYSE, 2015, p. 70).

A partir dessas relações os trabalhadores construíram, historicamente, as suas distintas formas de resistência. Desde as resistências individuais no trabalho, por meio de diversos artifícios, até as resistências coletivas, a partir dos sindicatos, das associações, das federações e confederações de trabalhadores. Mas, há formas de resistências no interior do modo de produção capitalista que não perpassam por esses dois grandes exemplos; trata-se dos tipos de trabalho em sua configuração pré-capitalista que permanecem vívidas em alguns locais geográficos do mundo. Quando se pensa em resistência a partir da condição global de consolidação do capitalismo, percebe-se uma negação parcial a reprodução da vida material capitalista, pois temos processos tradicionais que fundiram ao capital.

Nessa perspectiva é que se analisa o trabalho realizado por estivadores que atuam na Feira do Açaí, na cidade de Belém (PA). Esses trabalhadores permanecem no que se caracteriza como relações de produção pré-capitalistas, em virtude da não existência das relações particulares do modo de produção do capital. O essencial nas relações capitalistas é a extração de mais valia que, nessa configuração de trabalho, não se manifesta diretamente. Na pesquisa que se desenvolve junto aos estivadores/carregadores é possível observar características que não estão presentes nas relações propriamente capitalistas. A produção de Açaí que é desembarcada pelos barqueiros, todos os dias a partir das 19h, provém dos pequenos produtores e coletores de Açaí da região das Ilhas próximas à cidade de Belém e das cidades localizadas na Ilha do Marajó, assim como de outros produtos.

Os carregadores que trabalham na Feira do Açaí desembarcam as produções da população ribeirinha que são desenvolvidas por meio de coleta ou por pequenos processos manufatureiros, a exemplo da produção de Farinha de Mandioca, contudo, o principal produto ali desembarcado é o Açaí. Os responsáveis por realizarem o transporte desses produtos são os barqueiros, que cumprem a função de escoar a produção dos ribeirinhos por meio das cidades. A execução do trabalho de desembarque dos produtos trazidos pelos barqueiros é

realizada pelos estivadores que trabalham na Feira do Açaí. Esses trabalhadores se organizam em pequenas equipes formadas por 4 a 8 pessoas e cada equipe possui, pelo menos, um chefe.

A produção do açaí da população ribeirinha que planta e colhe sem o uso de maquinários, mantém o trabalhador em contato direto a natureza. Um ambiente que lhe remete a liberdade espacial, as próprias influências climáticas e regularidades de plantio e colheita dinamizam o trabalho. Esses ribeirinhos não utilizam de métodos tecnológicos que criem possibilidades artificiais de produção do açaí. A organização da produção se dá em conjunto ao processo natural de desenvolvimento do açaizeiro. O armazenamento do açaí em paneiros e o transporte em barcos continuam como aproximação da atividade de trabalho a natureza, a paisagem de liberdade.

Dentre os 14 trabalhadores acessados, que pertenciam a variadas equipes de trabalho, haviam presentes alguns chefes. As informações coletadas por meio de um questionário apresentam um panorama sobre o que é esse tipo de trabalho e o quanto ele se localiza distante das relações capitalistas tradicionais de produção. A média de idade dos estivadores da Feira do Açaí ficou na casa dos 36,5 anos, com idade mínima de 25 anos e máxima de 59 anos. O nível de escolaridade desses trabalhadores varia entre a 5ª e a 7ª série do ensino fundamental, com pequenas variações para o acesso ao ensino médio, assim como a presença de um analfabeto. Com exceção de um indivíduo, os demais possuem de 1 a 5 filhos, com o número médio de 3 filhos; suas famílias são compostas pela quantidade média de 4 pessoas.

A função do chefe dos estivadores é realizar o planejamento do trabalho de descarregar os barcos, vigiar os produtos já descarregados que estão expostos à venda na feira, receber o pagamento diário pelo descarregamento, pagar os trabalhadores da equipe, recarregar os barcos e, ainda, realizar também o trabalho de descarregar os produtos. Fica explícito que os chefes das equipes não apresentam privilégios; pelo contrário, desempenham mais funções no dia a dia e não recebem um quantum significativamente maior que os demais trabalhadores, a diferença na remuneração é da ordem de 25 a 50%.

O trabalho que esses homens desenvolvem (a presença de mulheres na execução desse trabalho é inexistente), cotidianamente, não está organizado dentro das relações formais de trabalho, ou seja, não há contrato de trabalho, não há normas formais a serem cumpridas, não existe exame médico admissional ou pré-requisitos de nível de escolaridade, enfim, as relações de trabalho que se estabelecem entre os membros das equipes, assim como entre as equipes e os barqueiros, são relações destituídas do fundamento legal no âmbito dos direitos trabalhistas.

Logo, há particularidades nesse trabalho que moldam os corpos desses trabalhadores por serem características peculiares ao local e a forma como as relações trabalhistas de manifestam. A jornada de trabalho média dos sujeitos da pesquisa está na ordem de 10 horas, com mínimo de 2 horas e máximo de 15 horas, logo não há um tempo fixo para a jornada deles, o que implica afirmar que o pagamento está correlacionado com o seu empenho na equipe e o tempo destinado ao trabalho. O trabalho realizado na madrugada impõe um ritmo cansativo a partir do momento em que o tempo de repouso se inverte.

A realização do trabalho é efetivada no ato de descarregar os produtos transportados pelos barqueiros. Os paneiros e rasas de Açaí variam de 30 a 45 kg, respectivamente. Cada unidade, e são essas cargas que os trabalhadores organizados por equipe transportam do barco para a área de venda na Feira do Açaí, assim como as sacas de 30 kg de Farinha de Mandioca. Ao longo de uma jornada de trabalho cada equipe transporta de 150 a 200 paneiros e rasas de Açaí.

A maioria dos trabalhadores afirma descansar durante o desenvolvimento da jornada de trabalho, e o descanso apresenta uma relação com a chegada dos barcos, com o fenômeno das marés e com as chuvas. No âmbito das sensações durante a execução desse trabalho, a maioria sente satisfação em desempenhá-lo, em virtude de a remuneração ser suficiente para julgar a existência de possuir uma boa vida com o que se auferi no trabalho que é pago diariamente.

Observou-se e registrou-se o misto de sensações de prazer e cansaço e de prazer do cansaço. O ambiente de trabalho, na madrugada barulhenta é coberto pelo céu estrelado ou pelo tempo chuvoso. A céu aberto e em plena noite adentro, os estivadores trabalham carregando, descarregando, empilhando e vendendo quando o dia vai clareando. É visível o cansaço, como também se percebeu o clima leve e festeiro da tarefa diária, pesada e cansativa.

Apesar da ausência de regras formais, da liberdade para realizar descanso e se alimentar durante o trabalho, há um esgotamento corporal no trabalho. Apenas um trabalhador afirmou não sentir dores no corpo, os demais sentem dores moderadas e em demasia, nas mais variadas partes do corpo. Portanto, o trabalho dos estivadores da Feira do Açaí é permeado pela inexistência das relações de produção capitalistas modernas, contudo carrega em si a degradação do corpo promovida pelo trabalho. A resistência que esses trabalhadores realizam, mesmo que inconsciente ao trabalho não consegue superar a degradação que o trabalho impõe ao corpo.

Por outro lado, é importante destacar que a resistência no trabalho mutuamente se desenvolve nas atividades de descanso em que consomem bebidas, cigarros e outros produtos,

por isso salienta-se que é uma resistência parcial, com isso também se nota o alcance do sistema, as maneiras mais diversas de existência. A aproximação do trabalho dos carregadores a natureza, o transporte do açaí em barcos até a feira, marcam nas relações de trabalho a ausência de formalidades, as roupas de trabalho são as mesmas de outros espaços, a força física é o mais importante do trabalho de carregar. No movimento de carregar, o principal é ter força. O tempo trabalhando com jornadas de até 15h se contrasta com períodos de pouca produção de açaí, os momentos de descanso durante o trabalho em que se voltam a jogos, fumam, bebem, entre outras atividades praticadas.

Nisso percebe-se que trabalho e vida parecerem se fundir. Não há demarcadores fixos, pois, os hábitos, os comportamentos em casa e no trabalho se complementam, repetem-se, imbricam-se. O corpo precisa de força para trabalhar, esse mesmo corpo trará consigo movimentos próprios de uma vida que acontece num decurso sem grandes diferenciações de tempo no trabalho e tempo no não trabalho. Assim, mediante a importância que o corpo assume neste processo de trabalho caracterizado como pré-capitalista é que nas relações ali estabelecidas, a leitura do corpo e de suas expressões são determinantes para os sujeitos pertencentes àquele espaço desenvolverem suas atividades.

Modos de interpretação e linguagem do corpo no trabalho

Faïta (2010) afirma que linguagem e atividade são inseparáveis. Sobre isso dissertava Bakhtin, que compreendeu a linguagem como uma atividade sócia e historicamente situada. O fato de sua ação [da linguagem] agir sobre nós mesmos e os outros, como expõe a primeira autora, reforça o caráter inseparável entre linguagem e atividade, pois as formas diversas de estabelecer uma linguagem expressam possibilidades de atividades a determinados grupos sociais. As atividades por sua vez no campo social em que são construídas podem adolecer uma linguagem própria de seu desenvolvimento.

As atividades do corpo estão sujeitas a leitura, bem como a linguagem oral pode expressar interpretações das atividades do corpo. Sobre essa relação dialética é possível compreender a linguagem do corpo, no trabalho dos carregadores da Feira de Açaí de Belém. O desenvolvimento do trabalho realizado lá constitui também uma forma de interpretar o corpo e realizar a sua leitura. Experiência comumente feita por aqueles sujeitos, o qual consiste dentre outras coisas, em julgamentos de aptidão física para desenvolver a tarefa laboral de descarga dos barcos, isto é, uma espécie de *performance* da prestação do serviço que remete a dimensão da produtividade e eficiência.

No relato dos sujeitos, o cansaço do trabalho é suportado pela ânsia do pagamento, pela espera do início da manhã para o lazer, o futebol. Vê-se corpos fortes, com contornos musculares definidos, no entanto, isso não denota aparência saudável, são feições pálidas, suadas e, em alguns amareladas e desanimadas. Entre um carregamento e outro, o corpo se deita e se estende no chão a contemplar o céu aberto, ribeirinho e com embarcações incontáveis.

Diante das modernas formas de exploração do trabalho e da ideia de eficiência como caótica e deprimente; a ideia de eficiência se traduz, no caso dos carregadores, em processos de hierarquia do trabalho baseado nas redes de confiança e de motivação, mediados por uma linguagem própria que dá sentido e significado ao trabalho realizado. Faïta (2010) expressa que por meio da linguagem o homem pode, por exemplo, se mobilizar, movimentar e também desestimular. Os mesmos estímulos são possíveis por meio da linguagem do corpo, a qual se faz imprescindível na leitura dos trabalhadores da feira do açaí. As observações realizadas demonstram homens historicamente situados que desenvolvem suas próprias formas de linguagem e interpretação do corpo, uma forma de sentir o reconhecimento do trabalho e de si mesmo. Nesse sentido, oralizam suas vontades, alegrias e estímulos. Desenvolvem suas atividades num lugar onde se pode beber bebida alcoólica, fumar, jogar, conversar entre o descarregamento de uma carga e outra, e em meio a isso ainda há realização de leituras diversas sobre o desenvolvimento do trabalho e os demais sujeitos por lá transeuntes.

Assim, reconhecer homens que se adaptam ao trabalho ou não, homens sérios, dispostos e homens que não tem perspectivas faz parte do campo julgamento valorativo realizado por eles, na leitura por meio das expressões e atividades do corpo exposto. A expressão oral desse julgamento valorativo anuncia o que Bakhtin/Volochinov (2006) expõe sobre a palavra como um signo ideológico, onde por meio da leitura do corpo se realiza um julgamento, um posicionamento ideológico com base nas acepções de homem construídas na sociedade capitalista. Ainda nesse sentido, o trabalho de carregar possui uma memória de movimentos coletiva e individual, uma simbologia tanto para os trabalhadores quanto para os outros que acompanham ou observam essa atividade. Há uma maneira de executar o carregamento do paneiro, assim como em outras formas de trabalho existe um modo desenvolver uma tarefa, cabendo julgamentos dos outros trabalhadores participantes de tal atividade.

O exemplo disto é o discurso do sujeito entrevistado quando questionado sobre idade, gênero e ascensão no trabalho das pessoas que atuam desembarcando açaí. Garante que crianças e mulheres não dão conta do serviço. Sobre a mulher, o adjetivo frágil é ressaltado

para justificar sua ausência. Afirma também que os bons trabalhadores são facilmente identificados pela observação do desempenho que se relaciona com os hábitos de vida, por exemplo, em que medida bebem, fumam e qual a quantidade de rasas carregam por noite e se têm frequência assídua. O que se percebe na fala do Er

Eu trabalho aqui, e o Ver-o-peso tem uma outra historia por trás dele, um exemplo, a droga, a prostituição, o vicio que talvez a gente chegue nesse assunto depois. Mas em detalhe, ninguém quer isso para os seus filhos. Aqui é muito fácil de a pessoa seguir esse caminho. Fácil mesmo. Mas, é bom quando o filho fica mais maduro, trazer para aprender a trabalhar, eu tenho esse pensamento, de trazer o meu pra cá, pra ele dar valor no trabalho, mas não pra ele fazer um trabalho fixo.

Embora já se tenha destacado o caráter pré-capitalista deste tipo de trabalho, ao articular o processo de observação, a entrevista e dos dados dos questionários, percebe-se a existência de um código implícito que diz respeito ao desenvolvimento das atividades na Feira do Açaí, estas, permeadas por um processo de disciplinamento que dizem respeito às leituras possíveis de serem realizadas lá, ou seja, as condutas dos trabalhadores mesmo não regulamentadas importam, são observadas e sentidas, na organização dos estivadores, posto que para Er

Somos chamados de carregador de açaí, só que tem três tipos de carregador aqui na feira, tem o pessoal que carrega em saca, o pessoal que carrega esses paneiros aí... e, tem no meu caso, que a gente carrega uns que são maiores do que esses, são rasas grandes, são três desse paneiro num volume [...] no meu caso eu trabalho com o açaí da ilha, e esse açaí que vocês estão vendo é do Marajó. O açaí da Ilha é o melhor que tem ilha das onças aqui na frente, e tem as suas regiões aí, um exemplo: tem o Araraquara, o Arapiranga, o furo grande, todos esses lugares, que é só atravessar aí, eles trazem o açaí que eu trabalho, no meu caso que chama açaí da ilha.

Há uma organização histórica e cultural, em que o código de disciplina foi se estabelecendo a partir da demanda de trabalho e convivência entre os trabalhadores. As condições de trabalho são enfrentadas e transformadas no cotidiano e vai se estabelecendo uma prática singular na organização social do cais, entre hábitos, costumes, modos e sensações de corpos que trabalham e fazem do lugar o âmbito de aprendizagem e princípios próprios, estabelecidos na forma de conviver, entre o trabalho e a possibilidade de lazer e descanso.

Sensações nos processos e no disciplinamento do trabalho

O processo de trabalho é *a priori* elemento independente de qualquer forma social e por isso, o homem na sua relação sócio metabólica com o trabalho e natureza, põe em movimento as forças da natureza e a conjuga simultaneamente com a própria corporalidade, utilizando seus braços, pernas, cabeça e mão, isso fará com que haja uma transformação da natureza do próprio homem (MARX, 1982). É nesse sentido que no interior do processo de trabalho se manifesta a rotina dos carregadores de açaí e, por conseguinte, gera processos de cooperação que dão sentido ao trabalho realizado. A rotina, elemento integrante de processo de trabalho, não é entendida nesse contexto, apenas como aspecto puro e conceitual de burocracia, mas sim está ligada a uma constante mutação simbólica assimilada pelo carregador de açaí, quando o mesmo aprende a técnica da atividade de descarregar a mercadoria que chega a feira para ser vendida e consumida posteriormente.

Essa reflexão retoma a ideia que Diderot havia sobre o trabalho do ator no ato de memorização de seu texto, ou de um músico na composição de uma partitura. Onde o ritmo e a repetição são a unidade manual e mental do trabalho (SENNETT, 2009). A transição da manufatura ao sistema de fábrica foi um dos fatores que alterou a rotina como elemento de apropriação do trabalho e sentido do mesmo. Esse processo de transição fez emergir e legitimar a concepção da ética do trabalho. Nesse sentido, a autodisciplina e o tempo, valorizam-se com a expansão do sistema de retribuição.

A ausência de tecnologia no trabalho possibilitou Marx fazer a distinção da fábrica de alfinetes de Smith com o antigo sistema alemão *Tagwerk* caracterizado pela retribuição dada pelo trabalho a cada dia trabalhado. Isso possibilitava a adaptação ao ambiente, ao planejamento e a compreensão do processo de trabalho que era mediado por uma rotina que permitia um maior controle do trabalho (SENNETT, 2009).

Esse disciplinamento do trabalho e da corporalidade do trabalhador no século XIX é tratado por Marx quando fez a alusão do nascimento do ‘monstro mecânico’ na maquinaria e grande indústria. Assim, o longo processo deste disciplinamento, através do sistema de fábrica, veio a verificar-se na incorporação do operário (transformado) ao processo de produção, o qual eliminaria a construção originária da produção do tipo artesanal, produzindo com isso, o esfacelamento moral e a degeneração existencial de milhares de homens, mulheres e crianças daquela época. (MARX, 1996). O disciplinamento do trabalho gerou formas híbridas de exploração devido a vários sistemas que entraram em competição, produzindo condições laborais terríveis.

No caso dos carregadores de açaí do Ver-o-Peso, semelhanças e diferenças, ou aproximações e distanciamentos aparentam não ter linhas demarcatórias tão rígidas. Esse caso assemelha-se ao contexto supracitado, em virtude de o sistema de retribuição pelo trabalho ser realizado diariamente, o qual varia, por exemplo, de acordo com a estação do ano. No verão onde a safra do açaí é maior, a retribuição é maior, porque há nesse período maior quantidade de trabalho empregada, enquanto que no inverno a safra é menor e, por conseguinte há menos trabalho. O controle do tempo baseado na safra do açaí permite ao carregador conjugar o momento adequado para se inserir no processo de carregamento existente na feira do Ver-o-Peso a outras atividades que complementem o trabalho de estivador, já que a renda com esta ocupação é extremamente variável, como diz Er

Cada qual tem a sua equipe, aí tem equipe que tem 6 pessoas, tem equipe que tem 8, no mínimo é 4. Não dá pra trabalhar menos, e o Maximo é 8 numa equipe. Aí, esses grupos tem os chefes, eu vou falar em dois tipos de chefes, pode confundir um pouco. Tem dois tipos de chefe, um exemplo, na nossa equipe eu sou o chefe da nossa equipe, aí eu tenho mais quatro pessoas que trabalham comigo, só que eu tenho um chefe, que é o rapaz q traz o açaí La da ilha (o patrão).

Esse ritmo de trabalho bastante variado permite certa integração e sociabilidade entre os carregadores antes, durante e depois do trabalho. Antes do descarregamento do açaí, que se dá a partir da meia noite, é comum ver carregadores dormindo no próprio cais, bebendo cerveja, jogando, ou conversando sobre assuntos variados. É nesse momento em que ocorre também o recrutamento de novos carregadores, interação entre equipes, e também um processo de permuta dos barcos que aportam lá.

O espaço do cais, a espera por um carregamento e a possibilidade de “ganhar o dia” é fortemente marcante antes do descarregamento em si, o qual se caracteriza como uma espécie de toque da campainha e “início dos trabalhos”. Com os trabalhos iniciados, cada equipe com seu chefe se concentram em uma embarcação para descarregar o açaí. Nesse momento não há mais quase nenhuma interação com outra equipe, estabelece assim a presença de um autodisciplinamento que converge para o objetivo final do trabalho.

Após a realização do trabalho, já pela manhã, os carregadores esperam o pagamento do trabalho. A retribuição será efetuada de acordo com a produtividade de cada trabalhador e de quantos volumes foram descarregados. Foi interessante notar durante a entrevista que é subjetiva a retribuição dada aos trabalhadores pelo chefe, pois não há um critério pré-estabelecido entre o chefe e os carregadores quanto à retribuição no final do trabalho. É perceptível a existência de um sistema poder que se caracteriza por uma concentração variável

de centralização na retribuição dada pelo ‘chefe’ aos carregadores. É possível identificar que a relação entre patrão, dono da embarcação e chefe é interdependente, motivada pelo acordo e confiança mútua. Já a relação entre chefe e equipe é motivada pela confiança e acrescida pela colaboração e pelo papel que o chefe desempenha na execução do trabalho, mas, sobretudo por critérios implícitos de *performance* daqueles trabalhadores, e o primeiro demarcador destes critérios é o corpo.

É nesse sentido que o corpo trabalhador se constitui no cotidiano social e no processo de disciplinamento do trabalho. A consolidação de hábitos da moral e higiene, de rituais e códigos de convivência se faz oculta na aparente conduta social (GLEYSE, 2006), no entanto, determina as práticas corporais bem como o comportamento social. A leitura de Gleyse converge à determinação da instituição social sobre o corpo definido pela prática social. Ao esclarecer os processos pelos quais o corpo passa na relação com o trabalho, na evolução do tempo, Gleyse faz uma *arqueologia do corpo* e configura uma estratificação que tem na base o corpo artesanal ou poiético; seguido do corpo mecânico; e o corpo máquina situado na era da industrialização da sociedade.

Considerações finais

Na análise aqui realizada, é possível afirmar que as sensações dos carregadores de açaí do Ver-o-Peso podem ser entendidas como dialéticas: do ser e não ser, do sentir e não sentir, do estar incluso e não incluso em relação às acepções discutidas: corpo, trabalho, linguagem, disciplinamento e resistência estando inseridos na sociedade de organização capitalista e não caracterizados como trabalhadores organizados por tal sistema. O elemento de satisfação no trabalho predominante se contradiz com a degradação exposta pelas sensações corpóreas e pelo desenvolvimento social que os sujeitos apresentam.

O elemento que justifica tal satisfação diz respeito predominantemente à retribuição financeira que recebem, pelo desenvolvimento de uma atividade que não exige maiores elaborações, contraditoriamente, uma remuneração incerta e periódica que exige a busca por outras ocupações além do desembarque de açaí.

A linguagem socialmente desenvolvida como a interpretação do corpo e sua relação com o disciplinamento do trabalho, são elementos subliminares. Estão presentes, mas não tão aparentes, e esta é uma particularidade determinada pela instituição social que eles desenvolveram para si, de uma organização pré-capitalista, que se impõe sobre as sensações do corpo de modo a ele se expressar disciplinado ou não, degradado, ou não, e em todo caso,

sujeito a julgamentos valorativos definidos pela prática social. Como a céu aberto, o trabalho se sobrepõe as demais dimensões de vida.

Referencias

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 13. ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2008.

ALVES, G. **Dimensões da globalização:** o capital e suas contradições. Londrina: Práxis, 2001.

BAKHTIN, M. [VOLOCHINOV, V.]. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (1929). Tradução Michel Lahud e Yara Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

FAÏTA, D. A linguagem como atividade. Uma conversa entre Daniel Faïta, Christine Noël e Louis Durrive. Tradução Maria da Glória di Fanti e Maristela França. In: SCHWARTZ, Y; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho & ergologia:** conversas sobre a atividade humana. Niterói: EdUFF, 2010.

GLEYSE, J. **Archéologie de L'éducation physique au XXème siècle em France.** Le corps occulté. Paris: L'Harmattan, 2006

HOMMA, A. K. O. O DESENVOLVIMENTO DA AGROINDÚSTRIA NO ESTADO DO PARÁ. **Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.** Brasília. 2002.

Disponível em:

<http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivo/sececx/sti/indbrasopodesafios/saber/alfredohomma.pdf>

MARX, K. **O capital:** crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **O capital:** crítica da economia política. Coordenação e revisão de Paul Singer. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores, livro 1, tomo 2).

_____. **Para a crítica da economia política.** São Paulo: Abril Cultural, 1982.

OLIVEIRA, M. do S. P. de NETO, J. T. de F. **Açaizeiro para Produção de Frutos em Terra Firme.** Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2005. (Embrapa Amazônia Oriental. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, 114).

SENNETT, R. **A Corrosão do caráter:** consequências pessoais do trabalho no capitalismo. Tradução Marcos Santarrita. 14 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SOARES, Marta; KANEKO, Glaucia; GLEYSE, Jacques. Do Porto ao Palco: um estudo dos conceitos de corporeidade e corporalidade. **Dialektké**, v.3, 2015

XAVIER, L. N. B.; OLIVEIRA, E. A. de A. Q.; OLIVEIRA, A. L. de. Extrativismo e manejo do açaí: atrativo amazônico favorecendo a economia regional. In: Encontro Latino Americano de Iniciação Científica. São José dos Campos. **Anais do XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica**. 2009.